

Gendarme ou Gendeleltre?

A escrita da história rio-grandense em periódicos literários do século XIX (1856-1879)

Carla Renata Antunes de Souza Gomes
Doutoranda UFRGS

Resumo: Este artigo apresenta algumas observações preliminares de uma pesquisa de tese de doutorado em fase inicial que considera os periódicos literários: *O Guayba* (1856-58), a *Revista Mensal da Sociedade Parthenon Literário* (1869-79) e *Murmúrios do Guahyba* (1870) como espaços alternativos de publicação da história do Rio Grande do Sul. Procurando perceber também de que maneira a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro* (1860-63), insere-se no esforço de construção da memória histórica regional.

Palavras-chave: periódicos literários século XIX, historiografia do Rio Grande do Sul, literatura rio-grandense

Este artigo apresenta algumas observações preliminares de uma pesquisa de tese de doutorado em fase inicial que considera os periódicos literários: *O Guayba* (1856-58), a *Revista Mensal da Sociedade Parthenon Literário* (1869-79) e *Murmúrios do Guahyba* (1870) como espaços alternativos de publicação da história do Rio Grande do Sul. Procurando perceber também de que maneira a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro* (1860-63), insere-se no esforço de construção da memória histórica regional.

Os periódicos literários são considerados espaços alternativos de escrita e publicação da história do Rio Grande do Sul não apenas porque em seus artigos de apresentação expressam o desejo de contribuir para o desenvolvimento de uma cultura letrada na Província, ou porque muitos deles possuem seções específicas reservadas ao tema mas, principalmente, porque constituem um espaço acessível para os autores que desejam tornar públicos os seus registros historiográficos, assim como nos permitem elencar quais e como os fatos ou personagens históricos são aproveitados como argumento literário.

Neste sentido é curioso verificar que da publicação dos primeiros registros historiográficos sobre a Capitania de São Pedro, em 1819, por obra de José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo, sob o título de “*Anais da Capitania de São*

Pedro” e as “*Memórias Econômico-Políticas*” de Antônio José Gonçalves Chaves em 1822, até a “*História Popular do Rio Grande do Sul*” de Alcides Lima e a “*História da República Rio-Grandense*” de Joaquim Francisco de Assis Brasil em 1882, decorre um intervalo de 60 anos entre elas.

O Rio Grande de São Pedro pode ressentir-se da ausência de obras sobre sua história, entretanto, não carece de publicações periódicas. Afinal, desde que foi fundado em Porto Alegre, em 1827, o “Diário de Porto Alegre”, a província viu surgir até 1880, apenas na capital, 146 diferentes periódicos. Durante o período considerado nesta pesquisa (1856-1879), foram publicados apenas em Porto Alegre 76 jornais, folhas ou revistas.¹

Em 3 de agosto de 1856 vem a público *O Guayba – periódico semanal, literário e recreativo*, o primeiro semanário dedicado exclusivamente ao cultivo das letras, sua circulação estende-se até dezembro de 1858 e demonstra o primeiro esforço de alguns jovens letrados em produzir literatura na província, aos quais Guilhermino Cesar denominou “geração da revista *O Guaíba*”.²

Sob o título “O Guayba” o artigo de abertura anuncia, com grandiloquência, a importância da imprensa como uma espécie de missionária que acompanha os povos em sua trajetória histórica para a liberdade, da sua capacidade de ler o mundo presente à luz do passado e de provocar pela palavra impressa a participação política de um povo emancipado:

Romeiro de todos os tempos e de todos os povos, recolhe em sua alfofa abundante as tradições dos séculos, que transmite de geração em geração como um legado precioso.

Os monumentos são seus compêndios, o passado sua escola, o futuro sua ambição, a história seu poema e os gênios seus heróis. A imprensa,

¹ Para a compilação destes dados foram consultadas as seguintes obras de referência: BARRETO, Abeillard. *Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)*. DILLENBURG, Sérgio Roberto. *A imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870*. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1987. FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975. Porto Alegre: CORAG, 1986. FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1944. MACEDO, Francisco Riopardense de. *Imprensa Farroupilha. Antologia e Índice*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. SILVA, Jandira M. M. da et alii. *Breve Histórico da Imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

² Sobre um detalhamento dos nomes e das biografias dos jovens autores da “geração d’*O Guaíba*” ver: CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971, p.151-166.

porém, é a sua encarnação mais fiel, seu mais legítimo representante — é o grande teatro de suas lutas.

O livro é a inteligência do sábio raciocinando, o panfleto é a inteligência do político afrontando o mar esparcelado das paixões; o jornal é a inteligência do povo, advogando seus interesses e proclamando seus direitos.

Eis porque a imprensa é o apóstolo da liberdade e do pensamento; é a inteligência escrita, o povo emancipado e a liberdade armada.

É assim que compreendemos a alta missão da imprensa, sem termos, todavia, esperanças, e menos ainda a presunção de acompanhá-la em sua carreira triunfal.³

A história neste fragmento de texto é, portanto, entendida no melhor sentido de “*magistra vitae*”, como tradição, legado e exemplo mas, a imprensa é o “*grande teatro de suas lutas*”, é o meio através do qual a vida comum é registrada, conservando para o futuro as ações de uma geração. *O Guayba* surge, portanto, com o objetivo de

dar o grito de alerta nos arraiais silenciosos da mocidade, despertando essa plêiade de jovens esperançosos, cujas inteligências desabotoam agora aos raios vivificadores do talento, sacudindo-os da modorra que os entorpece, da descrença que os acabrunha, da ociosidade que os estraga, revelando-lhes o que eles podem, e mostrando-lhes o tempo que passa e o futuro que chega.⁴

Repleta, portanto, de esperança e fé na juventude e no futuro *O Guayba* circula durante dois anos e cinco meses e em seus 120 números encontramos muitas biografias de personagens ilustres, de dentro e de fora do Rio Grande e, aparentemente, o fato histórico mais explorado pelo periódico é a independência do Brasil.

Em 1860 é publicada a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro* sustentando, desde a primeira linha, “a necessidade do estudo das coisas pátrias, da história, da geografia e estatística desta província de S. Pedro”⁵.

³ O GUAYBA, periódico semanal, literário e recreativo. Porto Alegre, 03 de agosto de 1856, ano 1, nr.1, Typ. brasileira-alemã.

⁴ *Idem Ibidem.*

⁵ REVISTA TRIMESTRAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA PROVÍNCIA DE SÃO

Lamentava ainda o desaparecimento dos registros da história rio-grandense em consequência dos tantos conflitos bélicos que assolaram a província desde os tempos coloniais pois, “o facho da guerra tudo incendia, e as devastações quase sucessivas arrebatavam após si os poucos apontamentos que uma ou outra das testemunhas oculares dos fatos haviam podido fazer ou coligir”⁶.

Assim o Instituto Histórico e sua revista devem cumprir com o dever legado à geração atual, ou seja, salvar “do esquecimento os nobres procederes de seus heróis, os atos de seus homens de armas, os sucessos, os fatos políticos, civis, e industriais que sobre o belo solo desta terra se haviam passado”⁷.

Portanto, com o firme propósito de “coligir os dados da história” e de seguir o exemplo da Corte, “criando uma associação com o fim de coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos concernentes à história e topografia da província, e à arqueologia, etnografia e língua de seus indígenas”⁸, os membros do Instituto Histórico iniciaram os trabalhos.

A *RIHPSP* foi publicada até 1863 e foram encontrados 06 exemplares para consulta, os quais demonstram a preocupação dos membros dos Institutos com os primeiros registros sobre a província (demarcações e povoamento), dados estatísticos, uma biografia, discursos ao imperador e grande parte dos registros documentais referem-se a organização política da província.

A *RIHPSP*, portanto, não apresenta muitos ensaios de escrita da história, mas cumpre com o propósito do Instituto de recolher, transcrever e publicar diversos documentos sobre a história da província (certidões, ofícios, atas).

O que coloca a *RIHPSP* entre os periódicos analisados neste trabalho refere-se, sobretudo, ao esforço que realizam alguns letrados rio-grandenses de pensarem o trabalho historiográfico, as dificuldades enfrentadas pelo ofício e a necessidade que sentiam de integrar a história da província à história geral do país.

Entre 1863 e 1869, quando surgirá a revista literária sul-rio-grandense mais prestigiada

PEDRO. Porto Alegre, agosto de 1860, ano 1, nr.1, vol.1, Typ. do Conciliador. In. (reedição) Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, nr.100, IV trimestre, 1945, p.171-174.

⁶ *Idem ibidem.*

⁷ *Idem ibidem.*

a *Revista Mensal do Parthenon Literário*, circulam em Porto Alegre 24 periódicos, destes 6 são literários. Estes dados são importantes na medida em que informam sobre um tipo de leitura ou de demanda social sobre este tipo de publicação. Além disso, antes de chegar àquela que seria a mais duradoura publicação do gênero, ou seja, a *Revista do Parthenon Literário*, outros periódicos vão pavimentando o percurso das letras rio-grandenses como o *Álbum de Domingo* (1860), *O Diógenes* (1863), *O Ypiranga* (1863), a *Actualidade* (1867) e o *Relâmpago* (1869).

Talvez seja a *Revista do Parthenon Literário* que melhor oportunize a observação daquela classificação um tanto sarcástica de Balzac em relação ao jornalismo francês⁹, mas que parece-nos um trocadilho apropriado pelo tom do artigo de abertura intitulado “Programa”, que proclama:

O dia 18 de Junho de 1868 marcou uma grande época.

Ergueu-se um monumento.

Os alicerces foram lançados sob os auspícios de horrenda tempestade... Parecia que terra e céus conspiravam contra uma idéia em sua sublime realização.

Havia tudo a vencer, tudo a criar sem o sorriso lisonjeiro da esperança, sem as cambiantes de amena aurora, sem uma palavra de animação!

(...) O dia 18 de Junho abriu o ciclo literário na província, que até então, não pudera reunir um núcleo, onde a luz civilizadora se concentrasse nos certamens [combates] científicos, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre o verdadeiro, o bem e o belo. (...)

No perímetro da imprensa quaisquer pensamentos podem ser exibidos; porém, ainda perguntamos: Nossa imprensa satisfaz essas condições?

Não. (...)

O Parthenon criou uma tribuna, para a pugna oratória; uma biblioteca, onde reunirá as obras mais importantes relativas à grandiosa trindade de seus estudos: filosofia, história e literatura; aulas noturnas para

⁸ *Idem ibidem.*

⁹ Em 1843 Balzac insurge-se contra o jornalismo e os jornalistas da França e publica “*Monografia da imprensa parisiense*” e cita Victor Hugo que associa o perfil da sociedade militarizada da França aos “militantes” das letras, representados pelos jornalistas. A pluma e a espada são portanto os símbolos das melhores capacidades da França. Mas Balzac ironiza tal comparação e propõe a criação da Ordem *Gendeletrre*, assim como existe a

os sócios que quiserem dedicar-se sem dificuldades ao granjeio da ciência; e afinal uma revista tão necessária, como as outras criações.¹⁰

Voltemos à Balzac: *Gendarme ou Gendelette*?

Os letrados reunidos no Parthenon Literário, na pessoa de seu redator de mês Apolinário Porto Alegre, anunciam a um só tempo – Balzac diria: com um “*dó de peito*”¹¹ – a grandeza de seu trabalho e as agruras a que foram submetidos, arrogam o pioneirismo e a magnitude do empreendimento, e circunscrevem seu discurso no campo semântico da “gente de armas”, pois os “*certamens*” ou combates, lutas, disputas, não obstante, “*científicos*” são configurados pela “*pugna oratória*”.

Não há dúvidas a *Gendelette* do Parthenon veio disposta a combater pelo campo intelectual sul-rio-grandense, pois a conclusão do artigo reitera os propósitos:

Se algum espírito cético então surgir, como Hamlet, lançando-lhe um riso de sarcasmo, um olhar de dúvida, temos por única resposta ao arúspice [anunciador] de infortúnio, só duas palavras de S. Agostinho: “Tole, lege.”

Erga-se e leia.

São as primícias da mocidade rio-grandense, que, arcando em extrema luta contra a indiferença geral, tem ódio para o passado, coragem para o presente e esperança para o futuro.¹²

A importância deste periódico para o estudo da cultura regional é estabelecida não só por sua longevidade (10 anos de circulação com algumas interrupções), mas também pelo número de colaboradores que publicaram em suas páginas (78 autores entre os quais 8 mulheres), no *Guayba* também houve presença feminina, mas aqui ressalta-se a quantidade. Com relação à escrita da história sua contribuição é considerável pois apresenta em seu conjunto 33 biografias de personalidades rio-grandenses e de fora, além de 05 poesias

Gendarme. Cfe. BALZAC, Honoré de. *Os Jornalistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p.23-24.

¹⁰ REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE PARTHENON LITERÁRIO. Porto Alegre, março de 1869, ano 1, nr.1, Typ. do Jornal do Comércio. In. (reedição da 1ª série) Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, nr.113 a 116, 1949, p.07-08.

¹¹ BALZAC, Honoré de. *op. cit.*, p.36.

¹² REVISTA MENSAL (1869)... *id. Ibidem*.

dedicadas à pessoas também biografadas, fatos históricos variados que servem de tema literário compõem nas páginas da revista 32 vezes (predominantemente sobre a província e os farrapos) e 07 artigos são dedicados especificamente à aspectos da história rio-grandense, principalmente, à guerra farroupilha.

Em 1870 a *Revista do Parthenon Literário* sofre a sua primeira interrupção, neste ínterim, circula a *Murmúrios do Guahyba – revista mensal consagrada às letras e à história da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* de janeiro a junho de 1870, curta existência dos 06 exemplares com 240 páginas no total, mas suficiente para demonstrar a necessidade destes periódicos naquela sociedade e, sobretudo, por sua preocupação com a história rio-grandense, expressa da seguinte maneira em seu artigo de abertura:

(...) Os Murmúrios do Guahyba tem por missão: levar longe os ecos dos estrondosos feitos que ilustram a Província; tornar-se a repercussão das liras dos bardos do Sul; fazer de suas páginas novas lâminas de Daguerre, onde à luz de nosso brilhante sol se retratem indeléveis as nossas glórias nas letras, nas artes e nas armas; ser o nuncio das aspirações da mocidade rio-grandense; o pregoeiro enfim das tradições e renome de seus antepassados.

A literatura, a história e a filosofia são, nos primeiros tempos, as três grandes divisões desta Revista, a que mais tarde, se progredir, se adicionará uma dedicada às ciências, e outra às belas artes.

Assim a Revista proporcionará à seus favorecedores copiosa, amena e instrutiva leitura, tal como a de bons romances e dramas originais, poesias inéditas, descrições e viagens, artigos filosóficos e históricos, de crítica literária e de costumes, revistas de teatro & a crônica do mês correspondente a cada número que se publicar.¹³

José Bernardino dos Santos é proprietário, “editor e principal redator da revista”¹⁴ é também de sua autoria a seção dedicada à história, na qual apresenta a transcrição de documentos sobre a “Revolução da Província (1835 a 1845)” ou “Coleção de documentos oficiais, peças autênticas e notas importantes relativas à história da revolução da Província de

¹³ MURMÚRIOS DO GUAHYBA. Porto Alegre, 1ª série, janeiro de 1870, nr.1, Typ. do Rio Grandense, p.3-4.

¹⁴ *Idem ibidem* p.1.

São Pedro do Rio Grande do Sul”, títulos desta seção, permeados por notas e comentários deste autor.

De 1870 a julho de 1872 quando a *Revista do Parthenon Literário* volta a circular, Porto Alegre tem em circulação 17 periódicos, destes 03 são literários. Finalmente, em 1872 a *Revista do Parthenon Literário* reinicia suas atividades, agora num tom menos grandiloquente no artigo intitulado apenas Introdução, rogam:

Deixem-no passar.

É um pobre órfão com um destino de bronze. Não vem disputar nem palmas, nem coroas na liça da imprensa e muito menos ambiciona o plinto [pedestal] da glória e as ovações dos triunfos.

Quer viver apenas, se é possível a vida numa época enferma, quando o coração chora a cada sentimento que se esfolha, e o espírito esteriliza-se a cada idéia que morre.

A pátria necessita de todos na marcha progressiva de sua existência. Não há para ela um homem inútil, como não há uma página escrita que não traga um pensamento aproveitável.

Deixem-no passar.¹⁵

O tom discursivo se modifica sensivelmente neste texto de retomada das atividades da revista, não há mais um apelo tão enfático ao combate embora a justificativa, de que este “pobre órfão” não pretende disputar pedestais e troféus na “liça da imprensa”, ainda revele o quão disputado é o campo do jornalismo na província. Há também certa nuance conciliatória pois “a pátria necessita de todos” e por isso mesmo quer apenas viver, ou seja, tornar públicos os pensamentos de seus colaboradores.

Mas talvez a melhor surpresa reservada pela comissão de redação neste retorno, seja a elaboração de um discurso voltado a um leitor específico: o público feminino, pois lê-se:

¹⁵ REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE PARTHENON LITERÁRIO. Porto Alegre, março de 1872, 2ª série, nr.1, Typ. da Reforma. In. (reedição da 2ª série) Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, nr.117 a 120, 1950, p.07-08.

Se a *Revista do Parthenon* puder inspirar sentimentos generosos e doutrina profícua às filhas do Rio Grande, seus votos serão satisfeitos, sua missão preenchida.

Protegei-a pois, acalentai-a ao regaço.

Outrora os paladinos arrojavam-se à justa por uma dama de seus pensamentos. Venciam, se elas no anfiteatro lhes robusteciam o braço e a crença com um sorriso e um olhar de animação.

Os tempos mudaram. A espada foi substituída pela pena, o braço pela idéia, todavia ficastes as mesmas. A literatura aqui é também uma peregrinação por uma causa sublime, como a dos antigos cavaleiros andantes.

Sede como elas.

Acenai aos romeiros, e não titubiaremos ante os óbices do caminho. (...) Alentai-nos e seremos dignos uns de outros. O esforço complexo será útil à pátria.¹⁶

Um discurso dirigido assim ao público feminino denota ao menos a atenção dos editores quanto ao potencial deste, se numérico ou qualitativo não poderíamos afirmar, o que desde já sabemos é que são constantes nas páginas dos periódicos literários, desde *O Guayba*, artigos sobre a instrução pública em geral e sobre a importância da participação da mulher na sociedade em particular.

Pelas informações até aqui manipuladas, o que se pode depreender é que apesar das tantas queixas dos letrados da província sobre as inúmeras dificuldades em prosseguir no cultivo das letras houve, efetivamente, a despeito das tantas adversidades, um grande esforço destes em perpetuar a memória histórica, seja através de publicações em livros, seja através dos periódicos literários ou jornalísticos que se apresentaram como alternativa para a circulação das informações referentes à história e à memória regional.

Os periódicos literários têm despertado um interesse cada vez maior e renovado nos pesquisadores, quer pela riqueza de informações sobre o imaginário sociocultural de uma época, quer pelas possibilidades que abrem para perceber os diversos entendimentos existentes numa sociedade sobre noções de pertencimento e de valores morais, estéticos,

¹⁶ REVISTA MENSAL (1872) ... *id. Ibidem.*

enfim, sobre as representações dos modos de existência e das práticas sociais que distinguem os indivíduos e ao mesmo tempo permitem o surgimento de um modo coletivo de entender e organizar o mundo social.

Procurar perceber, portanto, as relações entre literatura e história num espaço compartilhado por ambas que constrói sentidos e significados sobre a cultura regional e em que medida seus discursos se entrelaçam, se complementam ou se distanciam na produção de um imaginário social sobre os rio-grandenses e sua história aponta para outras possibilidades de indagação a estes periódicos.

Neste sentido a análise do compartilhamento de um espaço comum – os periódicos literários – pela história e pela literatura possibilita acompanhar um percurso de construção de uma memória historiográfica através dos fatos selecionados sobre a História do Rio Grande do Sul e publicados nas seções especialmente reservadas ao tema nos periódicos literários.

Além disso, perceber em que medida ocorre o aproveitamento ou não de certos fatos como tema literário pode informar sobre o processo de construção e organização da memória e do imaginário social sobre a História da província e da cultura regional, tal procedimento permite identificar de que maneira a escrita literária, como prática social, atua na construção de um imaginário sobre os rio-grandenses e sua história, apoiada ou não na memória construída pelo discurso historiográfico.

Referências Bibliográficas:

- BALZAC, Honoré de. *Os Jornalistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BARRETO, Abeillard. *Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)*.
- CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. *A imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870*. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1987.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975. Porto Alegre: CORAG, 1986.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1944.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Imprensa Farroupilha. Antologia e Índice*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- SILVA, Jandira M. M. da et alii. *Breve Histórico da Imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.